

CAFEICULTURA NA REGIÃO DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES: Relação entre educação e o processo produtivo do café

Anna Luisa Araújo Antoniazzi - anna.antoniazzi@gmail.com

Graduanda em Ciências Biológicas – Licenciatura

Tatiana da Silva Lopes – tatianalopes@saocamilo-es.br

Prof^a. Doutora em Genética e Melhoramento de Plantas

Curso de Graduação em Ciências Biológicas

Cachoeiro de Itapemirim – ES - 2018

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre educação e conhecimento dos produtores de café da região de Venda Nova do Imigrante – ES. Localizada nas montanhas capixabas com cultura predominantemente italiana, a principal atividade econômica desenvolvida é a cafeicultura. Porém, apesar da alta produtividade de café na região, existem pesquisas que identificaram que todo o potencial produtivo ainda não foi atendido devido à falta de conhecimento dos produtores, associada a baixa escolaridade que se mostra como fator alarmante. Baseado no tecnicismo, o processo educativo dos cafeicultores mostra-se limitado, pois se educa para a reprodução do trabalho, não há intenção de emancipar, que o indivíduo participe ativamente da própria construção do saber e assim possa exercer efetivamente seu papel de cidadão.

Palavras-chave: Produção Cafeeira; Educação; Cidadania.

INTRODUÇÃO

Mudas da planta do cafeeiro chegaram ao Brasil no século XVII através dos colonizadores portugueses no Norte do país. Porém, o cultivo em larga escala e a participação significativa da fruta no cenário sócio econômico brasileiro só ocorreu aproximadamente um século depois, a partir de 1830 na cidade de São Paulo (MARTINS, 2008).

De acordo com o cenário econômico atual, o Brasil é o maior produtor/exportador de café do mundo (MOURA, 2012). Na indústria são

utilizadas apenas duas das mais de 6 (seis) mil espécies de café existentes, a *Coffea arabica* e a *Coffea canephora* (REVISTA CAFEICULTURA, 2008). O Estado do Espírito Santo possui uma área de produção de aproximadamente 387.926 mil hectares e produziu 13.333 mil sacas de café beneficiadas no período de setembro/2017 a janeiro/2018 (CONAB, 2018).

A cidade de Venda Nova do Imigrante está às margens da BR-262 no estado do Espírito Santo e foi emancipada através do Decreto de Lei nº 4069 em 10 de maio de 1988, após ser desmembrada do município de Conceição do Castelo. Localizada na região Serrana do ES, possui uma área de 188,9 km² e 20.447 habitantes aproximadamente. Muito marcada pela cultura italiana devido à colonização europeia, ainda mantém a cultura do cultivo do café, sendo a principal atividade econômica da cidade (PMVNI).

É relevante ressaltar que a produtividade média do café ainda é relativamente baixa, apesar da significativa importância econômica e social para a região das montanhas capixabas. Isso ocorre devido a diversos fatores associados principalmente a falta de conhecimento dos produtores quanto ao manejo eficiente da planta durante o processo de plantio, colheita e secagem dos grãos (FERRÃO et al., 2009).

A pesquisa pretende, portanto, obter dados qualitativos e quantitativos através de questionário aplicado diretamente aos cafeicultores para identificar se a escolaridade e o acesso à informação estão diretamente relacionados ao processo produtivo do café.

1 A cafeicultura no mundo

Apreciado e consumido mundialmente, o café, semente derivada do arbusto do cafeeiro (*Coffea sp.*) foi descoberta aproximadamente em 575 d.c na Etiópia. Tal descoberta registrada em manuscritos do Iêmen (atual sudoeste da Ásia) cuja lenda, conhecida como a Lenda de Kaldi, um pastor observava que suas cabras após consumirem frutos arredondados de cor amarelo avermelhada ficavam mais dispostas e enérgicas. Ao observar tal comportamento, Kaldi menciona a um monge conhecido sobre o que ocorria todas as vezes que as cabras comiam tal fruto. Diante do exposto, o monge

decide fazer uma infusão com os frutos e percebe que após ingerir a bebida ele conseguiu permanecer durante muito mais tempo em suas orações. Tendo descoberto o poder estimulante da semente, o café começa então a ser cultivado primordialmente em mosteiros islâmicos no Iêmen. Porém, o plantio era em baixa escala, somente para consumo caseiro (OLIVEIRA, 2012).

Já no século XIV os árabes tiveram pleno domínio de técnicas de cultivo e preparação do café. Os primeiros plantios em maior escala no Iêmen com designação comercial eram realizados em terraços irrigados com água de poços locais, o clima e as técnicas desenvolvidas favoreceram para que a região tivesse o monopólio comercial do café durante muito tempo (MARTINS, 2008).

Inicialmente, o fruto era consumido pelos etíopes in natura ou macerado meio a comida junto com banha animal (MARTINS, 2008). O grão se popularizou rapidamente devido suas características estimulantes, aroma e sabor característico. Foi consumido a princípio na África, depois ganhou adeptos na Pérsia no século XVI e em pouco tempo conquistou a Arábia. Assim o café se popularizou por todo mundo islâmico, onde foi altamente explorado e comercializado. Através do comércio, a semente chega a Constantinopla e na Europa no início do século XVII (OLIVEIRA, 2012).

Diversos países europeus tentaram desenvolver técnicas de cultivo em suas colônias. Entretanto, somente os holandeses conseguiram cultivar as primeiras mudas em estufas no jardim botânico de Amsterdã. Em 1699, em Java têm-se o início da produção experimental. Diante do sucesso do plantio, a alta comercialização e o grande potencial econômico, outros países da Europa diante do conhecimento das técnicas de plantio também iniciam o cultivo e o comércio se estende por todo o continente (OLIVEIRA, 2012).

1.2 A cafeicultura no Brasil e no Espírito Santo

Através dos colonizadores, o café chega às Américas. Em 1727, o Sargento Francisco de Mello Palheta um oficial português fora enviado em missão pelo governador do Maranhão e do Grão Pará para a Guiana Francesa em busca de maiores informações sobre o grão que se tornara tão popular,

porém tão valioso. Em sua viagem traz consigo para o Brasil, em Belém, duas mudas de cafeeiro. Embora a comercialização fosse proibida para outros países, a Madame dá Orvilliers, esposa do governador de Caiena, enviou as mudas da planta através do Sargento como um presente (MARTINS, 2008).

A história do café no Brasil, a partir do século XVIII, é tão marcante para os rumos do país a partir de então que, de acordo com os economistas e historiadores, não seria possível conceber os avanços pelos quais passou essa nação sem os ricos rendimentos obtidos pelos barões do café. Foram os lucros provenientes dessa lavoura, intensificada a partir das décadas de 1830 e 1840 no estado de São Paulo, que permitiram o surgimento das estradas de ferro, o avanço da urbanização, a entrada de grandes levas de imigrantes europeus (italianos, alemães, espanhóis,...) [...] (MACHADO, 2006).

O cultivo e comercialização do café no século XVIII no Brasil foram determinantes para o desenvolvimento industrial, urbano e social do país. Foi um marco determinante tanto para o cenário econômico quanto para o cenário político brasileiro (MACHADO, 2006).

Devido à expansão do cultivo e comercialização da fruta, o café chega a Vitória, capital do estado do Espírito Santo, no início do século XIX. Porém, os primeiros cultivos da planta ocorreram no norte do estado, tendo destaque os municípios de São Mateus, Nova Venécia e Colatina. Diante da crise da cana-de-açúcar, os imigrantes europeus que chegavam ao Estado, procuram novas formas de cultivos, sendo o café o grande aliado para geração de emprego e renda, formando pequenas colônias de produtores em todo o estado. Já em 1850 a produção de café torna-se a principal atividade econômica desenvolvida no estado (SCHMIDT, 2004).

Por apresentar clima e condições geográficas bastante diversificadas, o Espírito Santo mantém o café como um dos principais cultivos do estado. “[...] o cultivo de café conilon nas regiões de baixas altitudes e de temperaturas mais elevadas, e de café arábica, nas regiões mais elevadas e de temperaturas mais amenas” (FERRÃO et al., 2009. p. 7).

No município de Venda Nova do Imigrante e nos demais localizados nas Montanhas Capixabas do Espírito Santo, há predominância do cultivo de café arábica com base na agricultura familiar (SCHMIDT et al., 2004).

1.3 A cafeicultura no município de Venda Nova do Imigrante

Antes da colonização italiana, aproximadamente em 1876, ainda quando os índios habitavam nas terras da então cidade de Venda Nova do Imigrante, os portugueses habitaram nos altiplanos serranos do estado Espírito Santo em busca de terras férteis para o cultivo de café. Com base no trabalho escravo, tornaram-se ricos fazendeiros. A cidade era dividida em 8 grandes fazendas de posse portuguesa: a Fazenda do Centro, Fazenda de Lavras (Lavrinhas), Fazenda Tapera, Fazenda Bananeiras, Fazenda Providência, Fazenda Pindobas, Fazenda São Domingos e as terras do atual bairro São João. Porém, poucos são os registros históricos sobre tais fazendeiros, sendo a colonização realizada pelos imigrantes italianos mais reconhecida historicamente (FOLHA DA TERRA, 1996).

No ano de 1981, há registro das primeiras famílias de imigrantes italianos a chegarem na região (ZANDONADI, 1992). A produção agrícola de lavoura permanente do município de Venda Nova do Imigrante de acordo com dados do IBGE (2016) foi de 4.082 mil toneladas de café em uma área total de 2.520 mil hectares, com rendimento médio de 1.620 quilos por hectare. Ocupando o 18^o lugar no ranking de produção estadual e o 175^o na produção nacional.

2 Relevância do Aprimoramento Educacional

De acordo com SCHMIDT (2004), a baixa escolaridade dos cafeicultores no Espírito Santo é alarmante. Aproximadamente 72,5% dos produtores de café possuem o Ensino Fundamental Incompleto e 8,4% não foram escolarizados. Ou seja, 80,9% do total de produtores de café do Estado tiveram pouco ou nenhum acesso ao sistema educacional brasileiro.

A educação no Brasil e no mundo foi negligenciada durante um longo período histórico. Nos tempos áureos do capitalismo, os trabalhadores passavam a maior parte do dia nas fábricas e o curto período de folga era para recuperar-se do dia exaustivo de trabalho. Somente o trabalho braçal importava, pois era este que movimentava o ciclo do capital financeiro

(BRUNO, 2011). No campo, não diferentemente da capital, o processo educativo foi por muito tempo omitido da população. Quando os camponeses chegavam a ter acesso à educação, esta era utilizada apenas para aperfeiçoamento do trabalho e uma forma de aquisição de mão de obra barata qualificada. (GÓMEZ; OLIVEIRA, 2014).

O cenário educacional brasileiro é baseado na pedagogia tecnicista, a qual destina a produzir mão-de-obra especializada unicamente para efetivação do trabalho. Não há intuito de formar agentes críticos que atuem no próprio processo educativo (BASTOS, 2017).

[...] a educação é a única fonte que pode oferecer alternativas para uma saída satisfatória da sociedade. A construção da tão almejada cidadania e a qualificação para o trabalho, só serão efetivadas se for levado em consideração este grande e robusto pilar básico que tem condições, suficientes, para contribuir com a formação de novas gerações justas e equilibradas (BASTOS, 2017).

“No entanto, cabe à educação a tarefa de permitir aos indivíduos, por meio de metodologias e técnicas, a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários para se tornarem membros do gênero humano” (TONET, 2008 apud GÓMEZ; OLIVEIRA, 2014. p. 173).

Na Constituição Federal Brasileira prevê a educação como ferramenta para o desenvolvimento da cidadania e qualificação para o trabalho. Há sim uma qualificação para o trabalho, porém, no que tange o viés destinado a cidadania, o processo educativo brasileiro tem deixado pendências (BASTOS, 2017).

METODOLOGIA

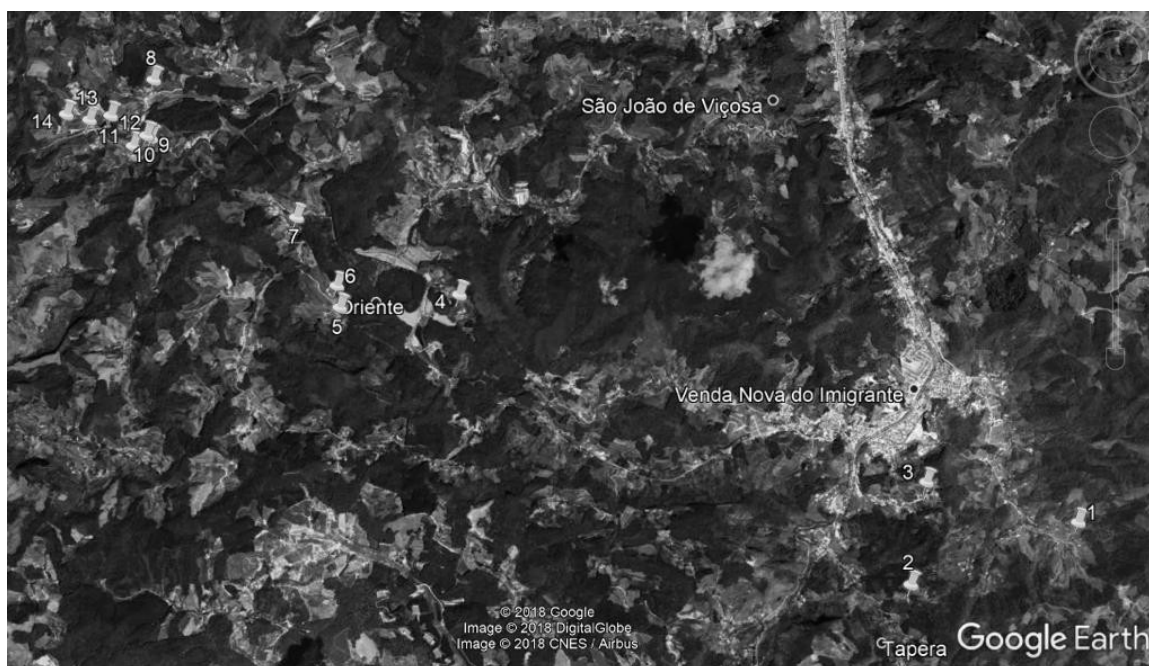
Um questionário semiestruturado de caráter qualitativo e quantitativo foi aplicado em forma de entrevista dialogada no mês de setembro de 2018 com os cafeicultores, contendo 7 (sete) perguntas abertas e 3 (três) perguntas fechadas, diretamente relacionadas ao processo de aprendizagem para o cultivo do café e a dinâmica do pós colheita para a venda do grão.

Foram entrevistados o total de 27 (vinte e sete) cafeicultores em 14 (quatorze) propriedades rurais. Visto que a cafeicultura na região das

montanhas capixabas tem por característica a agricultura familiar, em algumas propriedades havia mais de um responsável pela lavoura de café; e em todos os casos se tratava de familiares envolvidos. As entrevistas foram realizadas nos respectivos distritos do município de Venda Nova do Imigrante-ES: São Roque, Bela Aurora, Pindobas, Fazenda União, Tapera, Alto Tapera e Lavrinhas; de acordo com listagem obtida através do banco de dados do INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) fornecido pelo próprio órgão para esta pesquisa.

Utilizamos pontos de GPS, através de aplicativo gratuito disponível no App Store (GPS & Maps), para mapear a região onde as entrevistas foram realizadas (Fig. 1).

Figura 1– Pontos de GPS demarcando as localidades visitadas



Fonte: Autores.


Para permitir aos cafeicultores o processo continuado de educação e acesso a informação, palestras expositivas e dialogadas foram realizadas no mês de novembro em parceria com o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER) com os temas: Cafeicultura

Sustentável: da produção da muda ao processo de colheita; e Pós Colheita: Inovação Tecnológica para a produção de cafés especiais.

A modalidade de palestras expositivas e dialogadas foi utilizada como metodologia de transmissão de conhecimento, pois apenas 1 (um) dos 27 (vinte e sete) cafeicultores entrevistados relatou utilizar instrumentos tecnológicos para acesso a informação, portanto, tal modalidade se mostrou mais adequada para essa realidade.

As palestras foram realizadas no auditório da Fazenda Experimental de Venda Nova do Imigrante, sede do INCAPER no distrito de Viçozinha (Figuras 3 e 4). Os convites (Figura 2) foram entregues, aos cafeicultores entrevistados, em uma segunda visita realizada no dia 10 de novembro. Foi solicitado que o convite fosse divulgado a toda comunidade.

Figura 2 – Convite para o circuito de palestras



CONVITE
QUER PRODUZIR UM CAFÉ DE QUALIDADE?

O Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incapér), convida Vossa Senhoria para participar do circuito de palestras para a produção de cafés especiais.

Local: FEVNI / Praça INCAPER, BR 262, KM 110, Viçozinha – Distrito São João de Viçosa – Venda Nova do Imigrante.
Data: 14 de Novembro de 2018

Programação



14h - Chegada dos Participantes

14:30h às 16:00h – Palestra: **Cafeicultura Sustentável: da produção da muda até a colheita.** Palestrante: César Abel Krohling (Extensionista do Incaper);

16:00 às 17:30h – Palestra: **Pós Colheita: Inovações Tecnológicas para a produção de Cafés Especiais.** Palestrante: Fabiano Tristão Alexandre (Extensionista do Incaper).

18h - Encerramento

Informações: (28) 99979-8179 / (28) 3546-1277

Apoio:  **Realização:** 

Fonte: Autores.

A proposta do encontro foi a de que houvesse um diálogo entre os cafeicultores envolvidos, com troca de conhecimentos sobre a cultura do café e a possível formação de um grupo de cafeicultores. Tal grupo teria como objetivo o desenvolvimento do próprio conhecimento para a melhoria da qualidade do café, não sendo mais necessária a capacitação por meio de outrem, ou seja, possibilitaria a participação desses indivíduos de forma ativa no processo de aprendizagem e na construção da própria história, iniciando assim o processo de emancipação e o exercício da cidadania.

Após a realização das palestras, foi disponibilizado um questionário aos participantes com 3 (três) questões fechadas, relacionadas à satisfação das palestras oferecidas, se havia interesse na participação de outras palestras para capacitação continuada, e se os cafeicultores acreditam que seja relevante a criação de um grupo para manutenção e troca de informações entre os participantes e demais interessados no cultivo de café de qualidade.

Figura 3 – Prédio da Fazenda Experimental do INCAPER, onde foi realizado o circuito de palestras



Fonte: Autores.

Figura 4 – Auditório no qual foi realizado o circuito de palestras



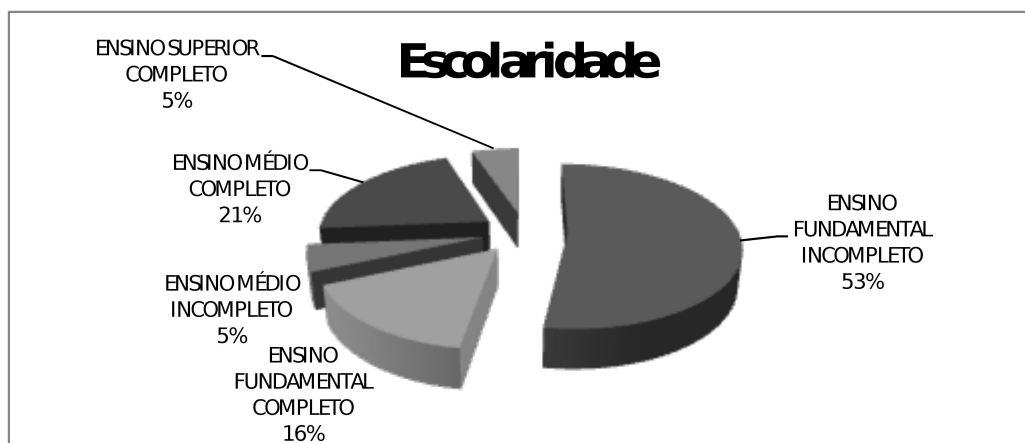
Fonte: Autores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi observado diante das 27 (vinte e sete) entrevistas realizadas que 58,82% dos cafeicultores possuem ensino fundamental incompleto, 17,78% o ensino fundamental completo, 5,88% possuíam o ensino médio incompleto, 23,64% tem ensino médio completo, e apenas 5,88% do total dos entrevistados possui ensino superior. Apesar da baixa escolaridade observada na região do estudo, 100% dos entrevistados, ainda que de forma deficitária, tiveram contato com o sistema formal de ensino brasileiro.

Porém, apesar do relativo acesso ao sistema de ensino, não houve uma melhora significativa nos índices educacionais apontados pela pesquisa realizada por SCHMIDT em 2004, na qual a baixa escolaridade dos cafeicultores no Espírito Santo é alarmante. Aproximadamente 72,5% dos produtores de café possuem o Ensino Fundamental incompleto e 8,4% não foram escolarizados. Ou seja, 80,9% do total de produtores de café do Estado tiveram pouco ou nenhum acesso ao sistema educacional brasileiro.

Gráfico 1 – Escolaridade dos entrevistados



Fonte: Autores.

Como afirma Gómez; Oliveira (2014), o descaso dos governantes brasileiros para a educação no campo ocasionou um cenário totalmente precário e limitador para o acesso à informação.

É inadmissível que a educação tenha, como papel principal, a formação de seres humanos com objetivos aptos ao mercado de trabalho, quando sua verdadeira tarefa é formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de produzir, ou seja, a sua incumbência, como compromisso social, é a de libertar e não de alienar (BASTOS, 2017).

Outro dado relevante observado é que 100% dos cafeicultores afirmaram ter aprendido o cultivo do café com os pais e 94,11% destes possuem familiares envolvidos no processo produtivo do grão. De fato, no município de Venda Nova do Imigrante, e nos demais localizados nas Montanhas Capixabas do Espírito Santo, há predominância do cultivo de café arábica com base na agricultura familiar (SCHMIDT et al., 2004). A agricultura familiar no estado do Espírito Santo corresponde por 77,5% dos mais de 70 mil estabelecimentos rurais (IBGE apud SCHMIDT et al., 2004). Ela é caracterizada como uma forma de organização trabalhista bastante eficaz, pois gera emprego de forma direta; além de ser uma estratégia empregatícia economicamente mais barata. (SCHMIDT et al., 2004).

De acordo com dados obtidos no presente estudo, a média anual de café produzida é de 244 sacas piladas e 100% dos cafeicultores relatam que não há perda considerável de grãos durante o processo produtivo. Diante

disso, observa-se que, apesar de uma escolaridade formal ainda que deficiente, o cultivo do café que foi ensinado por familiares é reproduzido com eficácia.

No entanto, apesar da relativa eficácia na produtividade, 82,35% dos cafeicultores almejam melhorar a qualidade do café produzido, porém, não sabem onde obter informações para tal melhoria. O mercado está cada vez mais exigente e rejeita cafés de baixa qualidade. Portanto, é de extrema relevância investir na produção de café de alta qualidade, o chamado *café gourmet*, o qual possui três vezes mais valor agregado que o café comum (VILELA, 2018).

O café gourmet não significa apenas o produto fabricado com grãos do tipo arábica. As exigências vão muito além disso. Os requisitos começam na fazenda, quando o cafeicultor precisa colher o café cereja, com o fruto maduro no ponto ideal e que tem mais chance de gerar um grão de qualidade. O detalhe é que, se o fruto está verde ou maduro demais, é possível produzir um bom café, mas o produto não será aproveitado pelo mercado gourmet. Os grãos arábica que não atendem as exigências do mercado especial são usados para a fabricação de “blends”, misturas com grãos conilon para a fabricação de cafés tradicionais.

[...] há cafés tradicionais com 100% de grãos do tipo arábica, mas nesse caso a taxa de defeitos desses grãos é muito maior se comparados com o café gourmet. Os defeitos significam grãos quebrados, pretos, verdes, ardidos ou brocados. Os defeitos do café estão relacionados à produção na lavoura, resultado de frutos colhidos fora do tempo ideal, além de secagem e armazenagem inadequadas. A produção de café é muito mais complexa do que o consumidor imagina e os produtores devem ficar atentos a muitos detalhes.

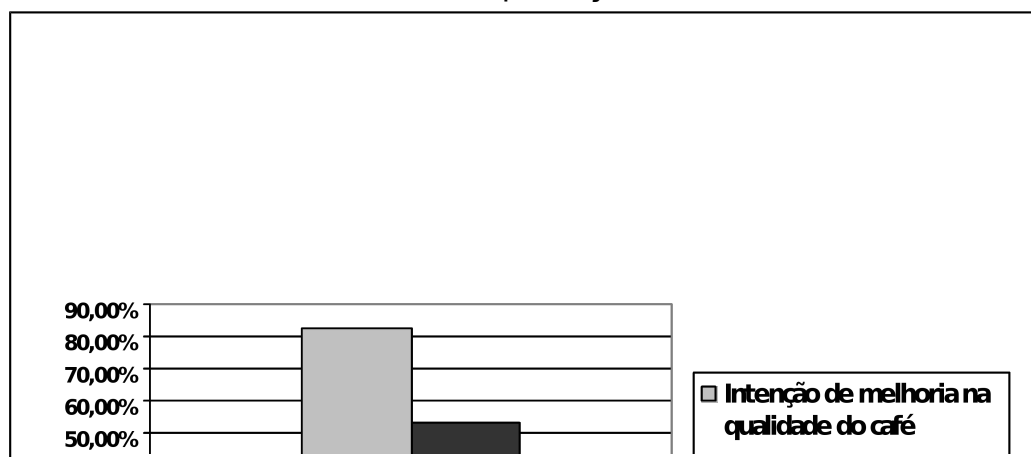
Durante a secagem no terreiro, os frutos são revolvidos durante o dia e “descansam” à noite, mas não podem tomar chuva e devem ser cobertos para que os frutos não molhem com o orvalho, por exemplo. “A secagem inadequada produz um grão manchado. Os óleos essenciais e aldeídos podem oxidar, o que gera uma bebida com gosto de ranço ou madeira”, explica Aldir Teixeira, doutor em Agronomia e pesquisador da multinacional italiana IllyCafè.

A armazenagem também deve ser cuidadosa, já que a umidade e altas temperaturas são as principais vilãs que comprometem a qualidade do café. “Com altas temperaturas, o café esquenta e fermenta”, diz Teixeira. “O ideal é guardar o produto com umidade entre 10,5% e 11%, que é um ponto de equilíbrio. Com 11% de umidade, o café é mais estável. Abaixo disso, fica muito ressecado e pode quebrar” (ARAÚJO, 2017).

É necessário salientar ainda que mesmo diante da intenção de melhoria da qualidade do grão produzido, 52,94% dos cafeicultores afirmam que nunca

tiveram interesse ou participaram de cursos e/ou palestras relacionados à melhoria da produção cafeeira.

Gráfico 2: Intenção de melhoria da qualidade do café versus o interesse por capacitação



Fonte: Autores.

Devido à base tecnicista do sistema educacional brasileiro e precária construção do saber, há uma falha no processo de aprendizagem. Como afirma Bastos (2017), o indivíduo que não é educado a pensar por si mesmo está destinado a reproduzir o que lhe é transmitido. Antes de se pensar na educação transmitida dentro das salas de aula com memorização de material e conteúdo programático, deve-se pensar na educação como principal ferramenta para acesso a cidadania.

É absolutamente correto afirmar que nem sempre a educação vem a atender as exigências emancipatórias dos indivíduos, uma vez que a pedagogia tecnicista é gerada em torno da profissão e da produtividade, e jamais se preocupou com a marginalidade, com a abolição da ignorância e com o cumprimento da cidadania (BASTOS, 2017).

A educação é o pilar indispensável para o exercício da cidadania. Para exercê-la de forma efetiva, há de se observar o acesso direto a três direitos: o direito civil, o direito social e o direito político. Em primeira instância, o indivíduo deve ter posse de direitos civis para que possa ser livre para pensar para se manifestar e agir. Diante disso deverá exercer seus direitos políticos

participando ativamente das decisões que terão reflexo direto sobre sua vida e da sociedade a qual pertence; tendo posse dos direitos supracitados o indivíduo terá capacidade de reivindicar os direitos sociais devidos (tais como educação, saúde e assistência) e torna-se há cidadão plenamente (LIMA, 2016).

Diante da presente pesquisa observou-se também que apenas 5,89% dos cafeicultores conseguem vender o café produzido diretamente para fora do estado. A maior parte de todo grão produzido (94,11%) é vendido para grandes empresas atravessadoras de café da região, que em posse do café comprado, irá comercializá-lo para fora da região, estado ou país.

Bastos (2017) destaca que há urgência para mudança da prática pedagógica utilizada em nosso país. A educação deve acima de tudo atuar como fonte libertadora e emancipatória. Deve ser utilizada como ferramenta de acesso ao conhecimento e construção do próprio saber, para que os indivíduos tenham através do acesso à informação, o poder de construir sua própria história.

Segundo dados levantados, apenas 5,88% dos produtores de café participam de algum grupo de agricultores ou são associados a alguma cooperativa. De acordo com Pereira (2015), a cafeicultura no Brasil “necessita de maior eficiência, profissionalismo, administração e comercialização adequadas por parte dos cafeicultores, ações em grupo, melhoria da imagem do produtor brasileiro e das regiões para prover ganhos competitivos ao setor”.

O circuito de palestras foi realizado, porém, com poucos participantes. Apesar do convite ter sido entregue em mãos de 100 (cem) por cento dos entrevistados, apenas 30 (trinta) por cento compareceram ao evento. Dados estes que corroboram com os dados demonstrados no gráfico 2, em que o interesse em participar de cursos e/ou palestras é inferior a intenção de melhoria na qualidade do café, reafirmando a base de ensino tecnicista, em que o indivíduo é instruído somente para execução de tarefas e produção de mão-de-obra (BASTOS, 2017).

Outro questionário foi aplicado aos participantes do circuito de palestras após sua finalização. O questionário abordava quesitos sobre satisfação diante

do evento realizado, se há intenção de participar de outras capacitações; e se há interesse em fazer um grupo de cafeicultores para que possam criar os próprios métodos de cultivo através do conhecimento base pré-adquirido nas capacitações e palestras.

O instrutor iniciou a palestra perguntando o que os cafeicultores almejavam com aquela palestra e no decorrer das palestras, o instrutor utilizava os exemplos e perguntas dos próprios cafeicultores para guiar o conteúdo a ser ministrado. Durante o circuito de palestras, os cafeicultores fizeram muitas perguntas e tiveram um diálogo muito produtivo junto ao palestrante.

Quanto à satisfação relacionada ao evento 88,88% mostraram-se muito satisfeitos enquanto 12,12% mostraram-se insatisfeitos. Portanto, diante dos dados observados o objetivo inicial de transmitir o conhecimento de acordo com a demanda dos cafeicultores sobre como produzir um café de qualidade, foi alcançado. Finalmente, vale ressaltar que 100% dos cafeicultores participantes tem interesse de participar de outras capacitações e 100% desejam criar um grupo para compartilharem conhecimento. Portanto, há observância de que entre os participantes do circuito de palestras, há o intuito de obter capacitação continuada, porém também há interesse em desenvolverem metodologias próprias para aquisição de conhecimento através de grupos colaborativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que apesar dos índices alarmantes referentes à escolaridade dos cafeicultores da região de Venda Nova do Imigrante, tal fator não se mostrou como determinante no processo produtivo de cafés especiais.

Em contrapartida a base de ensino tecnicista afeta diretamente no processo produtivo do café, visto que, apesar de os cafeicultores terem adquirido informações para o cultivo de café comum através de seus familiares, quando se trata da produção de café especial e/ou gourmet encontram-se a mercê do ensino de outrem para o próprio processo educativo, engessados

quanto à aquisição de conhecimento e desenvolvimento de métodos para a produção do café de melhor qualidade.

Portanto, é importante reforçar que em uma sociedade em que o indivíduo é educado para produzir mão de obra para o trabalho e reproduzir ideias, este deve por meio da educação e da aquisição de conhecimento produzido, driblar tal sociedade utópica e alienadora, podendo participar ativamente nas decisões tomadas em sociedade e exigir enquanto cidadão pleno, de forma consciente os seus direitos (LIMA, 2016).

Diante do exposto, vale destacar que este estudo é apenas um pequeno aporte dentro de um grande contexto sobre o sistema educacional e a base educacional tecnicista instaurada durante um longo período histórico no Brasil; a qual reflete diretamente nas relações entre educação, o acesso ao conhecimento e o processo produtivo brasileiro.

Referências

ABIC, Associação Brasileira de Indústria de Café. **Recomendações Técnicas da ABIC / Categorias de Qualidade do Café**. Disponível em: <www.abic.com.br/recomendacoes-tecnicas/recomendacoes-tecnicas-da-abic/categorias-de-qualidade-do-caffe/>. Acesso em: 11/04/2018.

ARAÚJO, Naiara. **Cafés Especiais**: saiba por que eles conquistam cada vez mais os consumidores. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=64443>>. Acesso em: 15/11/2018.

BASTOS, Manoel de Jesus. **Educação, Trabalho e Cidadania**. Revista científica multidisciplinar Núcleo de Conhecimento. Ano 2, Vol. 14. Pg. 98-108. Janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/educacao-trabalho-e-cidadania>. Acesso em: 10/10/2018.

BRUNO, Lúcia. **Educação e Desenvolvimento Econômico no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, v.16, n.48, set-dez, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a02.pdf>>. Acesso em: 14/06/2018.

CECAFE, Conselho dos Exportadores de Café do Brasil. **Relatório Mensal de Exportações**: Março de 2018. Disponível em: <<http://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/>>. Acesso em: 23/04/2018.

CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **Indicadores da Agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento**. Ano XXVII, n.3, Março 2018. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_03_29_11_40_29_indicadores_da_agropecuaria_-_03_-_2018.pdf>. Acesso em: 11/04/2018.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Notícias**. Café é a segunda bebida mais consumida do Brasil. Publicado em: 19/03/2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2574254/caffe-e-a-segunda-bebida-mais-consumida-no-brasil/>. Acesso em: 23/04/2018.

FERRÃO, Maria Amélia Gava, et al. **Técnicas de Produção de Café Arábica:** renovação e revigoramento das Lavouras no Estado do Espírito Santo. 3ª ed. – Vitória, ES: INCAPER, 2009.

GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro; OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. **A Educação do Campo no Contexto do Modelo de Desenvolvimento Rural no Brasil:** o Princípio Educativo do Trabalho como Alternativa. Revista Pegada, vol.15, n.1, julho/2014. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/2671/2628>. Acesso em: 14/06/2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/15/11863>>. Acesso em: 23/03/2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/venda-nova-do-imigrante/pesquisa/15/11863?tipo=ranking&indicador=21593>>. Acesso em: 15/04/2018.

JORNAL FOLHA DA TERRA. **“Folha da Terra” Lança Projeto Sobre o Município.** Ano V, nº 99, Venda Nova do Imigrante – ES, 1996.

LIMA, Renato Rodrigues. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Resenha apresentada ao Mestrado em Ciências Humanas, Universidade de Santo Amaro – UNISA, Santo Amaro – SP, 2016.

MACHADO, João Luiz de Almeida Machado. **A Bebida da Razão.** O Café e a História do Mundo Contemporâneo. 2006. Disponível em: <www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo:488>. Acesso em: 25/02/2018.

MARTINS, Ana Luiza. **História do Café.** Editora Contexto, São Paulo – SP. 2008.

OLIVEIRA, et al. **Cultura de Café :** histórico, classificação botânica e fases de crescimento. Revista Faculdade Montes Belos, v. 5, n. 4, Agosto, 2012.

PEREIRA, Lucas Louzada. **O perfil da Organização produtiva dos cafeicultores das microrregiões Serrana e Caparaó do Espírito Santo /** Lucas Louzada Pereira, Alcimar das Chagas Ribeiro. – 1.ed. – Curitiba : Appris, 2015.

PMVNI, PREFEITURA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE.

Histórico. Disponível em:

<www.vendanova.es.gov.br/website/site/Historico.aspx>. Acesso em:

08/03/2018.

REVISTA CAFEICULTURA. **Descrição Botânica do Café. 2008.** Disponível

em: <www.revistacafeicultura.com.br/?mat=15311>. Acesso em: 25/02/2018.

SCHMIDT et al. **Cadeia Produtiva do Café Arábica da Agricultura Familiar no Espírito Santo.** Vitória, ES: INCAPER, 2004.

VILELA, Pedro Rafael. **Exportar Café de Qualidade é desafio do Brasil.**

Agência Brasil – Economia. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-10/exportar-cafe-de-alta-qualidade-e-desafio-do-brasil-diz-abic>>. Acesso em: 14/11/2018.